

LEVAR LEITURA A LUGARES DISTANTES - ARAPIUNS

Jamile Castro dos Santos¹; Zair Henrique Santos²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Letras – Português – ICED/UFOPA - E-mail: jamile253santos@gmail.com;

²Docente Orientador - Programa de Licenciatura em Letras – ICED/UFOPA - E-mail: zair-santos@bol.com.br.

RESUMO: O presente resumo relata os resultados do projeto de extensão: *levar leitura a lugares distante* que teve como objetivo a construção de espaço de ler em uma aldeia, possibilitando práticas de leituras para infantes e comunitários, oportunizando por meio da leitura uma formação autônoma. O projeto foi desenvolvido em uma escola municipal, da Aldeia Nova Vista localizada na região do rio Arapiuns, o lugar está distante dos centros urbanos e dos bens culturais. Assim, organizou-se este trabalho em seis etapas no decorrer de um ano, que se movimentaram entre um caráter analítico e reflexivo por meio de visitas pela pesquisadora ao lugar de ler. Adotou-se o método da pesquisa de intervenção, levando em consideração a flexibilidade que esta mantém frente às demandas do lócus da ação, e por produzir novos conhecimentos que ressinificam as ações da pesquisadora de forma crítica. Por meio da instalação do espaço de ler na aldeia supracitada, procuramos levar a leitura como um direito essencial a vida do ser humano que pode emancipá-lo, tendo para isso suportes teóricos como: Britto; Cândido; Santos e outros.

Palavras-chave: educação; literatura; Espaço de leitura; Aldeia indígena.

INTRODUÇÃO

O acesso aos bens culturais deve ser entendido como direito de todo ser humano. Sendo a leitura um desses bens, esta precisa estar ao alcance de todos, pois oportuniza a formação filosófica e espiritual ao homem. Assim, Candido (2011) ressalta que a leitura de literatura é um meio de humanizar o homem: “a literatura é um sonho acordado das civilizações. [...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte do subconsciente e no inconsciente”. (CANDIDO, 2011, p. 177).

A leitura de literatura se constitui como um conflito de ideias (CANDIDO, 2011), pois ela afirma e nega, expõe e denuncia, possibilitando o ser humano de ver e agir de forma diferente diante de um problema. Por ser um meio de emancipar o homem, esta pode provocar inquietações sobre sua realidade, pode levá-lo a questionar o porquê das coisas serem como são. Assim, a Aldeia Nova Vista enfrenta problemas quanto às demarcações de suas terras, a busca por uma educação de qualidade que respeite sua alteridade, por um posto de saúde, etc.; tudo isso são questões que a leitura pode conscientizá-los a fim de indicar caminhos para melhorar sua realidade. Para tanto, Santos (2016) sustenta que:

“A leitura nos leva a refletir sobre nossa existência, [...] indicando caminhos para a aquisição de novos conhecimentos, instalando uma alma provocadora que parece em constante descontentamento com a ordem alienada, formando um sujeito sensível às emoções, um sujeito que experimenta a existência pelo fruir estético, além disso, a leitura de literatura desenvolve a capacidade de se importar com o outro, [...] sendo assim, um elemento produtor de ética e cidadania”. (p. 24).

A Aldeia Nova Vista, localizada na região do rio Arapiuns possui uma escola boa do ponto de vista comum, ensino fundamental regular e ensino médio pelo sistema modular, mas não dispõe de um espaço para a fruição da arte literária, ademais a aldeia está situada no meio da floresta, distantes dos centros urbanos, afastado dos elementos da cultura letrada como: biblioteca, jornal, cinema, teatro, internet, etc.

Diante disso, construir um espaço de leitura na aldeia, é uma possibilidade de os indígenas experimentarem a arte estética pela primeira, é a possibilidade de desenvolver práticas de leitura para infantes e comunitários que transcenda o pragmatismo sobre o ato de ler. Assim, construir um acervo de literatura e outros livros, manter junto à Aldeia diálogos sobre a importância da leitura, responsabilizar os moradores da aldeia sobre os cuidados que o espaço de leitura necessitará, proporcionar aos alunos momentos de leitura e despertar o interesse dos indígenas pelos livros foram objetivos desta ação.

O projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola – LELIT.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotou-se o método da pesquisa de intervenção, levando em consideração a flexibilidade que esta mantém frente as demandas do lócus da ação. Por ser um método onde a relação entre o pesquisador e o que é pesquisado se dar de forma dinâmica determinando os próprios rumos da investigação (PADILHA, 1968), sendo uma produção de todo o grupo envolvido.

Dessa forma, para melhor desenvolvermos as atividades utilizamos alguns instrumentos assim detalhados: Estudo de bibliografia especializada sobre a formação do leitor e educação indígena; Levantamento bibliográfico de estudos na área de literatura educação que serviram de apoio basilar para esta investigação; Visita e diálogos com a aldeia na pretensão de criar o espaço de leitura, e aplicação de práticas de leituras na aldeia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima (**Figura 1**), da Aldeia Nova Vista, localizada na região do rio Arapiuns. A escola agrega mais de uma aldeia, atende mais de cem alunos assim detalhados: do ensino fundamental regular e ensino médio pelo sistema modular.

As atividades desenvolvidas pelo projeto somam mais de onze meses, desde minha apresentação ao Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola - LELIT, levantamento de bibliografia sobre literatura infantojuvenil e educação indígena e outras atividades assim detalhadas:

No dia 17 de outubro de 2017 foi realizada a primeira viagem à aldeia supracitada, neste dia reunimos com lideranças e o corpo docente da escola a fim pedir autorização para a realização da ação. Conversei com alguns moradores e responsáveis da escola sobre as visitas constantes àquele lugar, sempre registrando por meio de nota ou fotografia. Conheci a aldeia, que é um desses lindos lugares (**Figura 2**) reservados na Amazônia, além de conhecer o espaço de ler, que naquele momento apresentava uma estante feita de madeira (**Figura 3**), contendo, aproximadamente 1 m de largura e 2 m de altura que apresentava os livros de literatura de forma não muito atraente aos olhos de quem passava por ali, pois o local foi adaptado na sala dos professores, o que mostrou que a aldeia enfrenta muitos problemas, dentre os quais a falta de um espaço para a fruição da arte literária.



Figura 1. Escola Nossa Senhora de Fátima. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figura 2. Aldeia Nova Vista. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figura 3. Estante de livros. Foto: Jamile Castro dos Santos.

Durante os dias que estive na aldeia classifiquei 198 livros de literatura que foram doados pelos comunitários, isso quebra um mito existente entre professores de que esses lugares tradicionais não possuem livros. Durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro fiquei classificando os 410 livros na biblioteca do Lelit, da cidade de Santarém. Estes foram doados pela Imprensa Oficial do Estado do Pará através do Projeto Livro Solidário, fiz fichamentos de bibliografias sobre leitura, li livros sobre literatura infantojuvenil de autores indígenas e alguns clássicos, participei de atividades de formação no Lelit que acontecem semanalmente e dispus de algumas horas semanais para o atendimento do público externo que visita a Biblioteca do Lelit.

No dia 09 de março de 2018 retornamos à Aldeia Nova Vista para dar continuidade na construção do espaço de leitura, essa viagem foi mais curta do que a anterior, o que nos impediu de realizarmos muitas atividades. Nesse dia classifiquei e reorganizei os livros que estavam fora da estante (lugar provisório), aproveitei a minha estada ali para buscar informações a respeito da utilização do espaço por parte dos professores, alunos e moradores. Alguns educadores me relataram que já tinham levado seus alunos para escolherem livros do espaço de leitura, com isso, nota-se que os professores começaram a fazer circular os livros organizados na estante, mas os comunitários ainda não buscavam livros, talvez por ainda não reconhecerem que as obras publicadas também estão à disposição deles.

No dia 18 de abril de 2018 estive mais uma vez presente na Aldeia, desta vez para entregar o espaço de ler para a comunidade, o que obrigou a passar mais dias na Aldeia. A organização e os preparativos para cerimônia de inauguração do espaço, contou com a colaboração dos alunos, comunitários e professores, pois o espaço ganhou painéis e foi pintado, o que exigiu a retirada dos exemplares de livros que estavam no local (Figuras 4 e 5). No dia 20 de abril de 2018, entregamos o espaço de leitura para a aldeia. Nesse dia contamos com a presença do cacique, comunitários, alunos, alguns moradores da aldeia vizinha São Pedro, além da presença do orientador do projeto, Prof. Dr. Zair Henrique Santos (Figura 6). É possível perceber que a partir daquele momento o espaço apresentava um novo aspecto, as formas como os livros foram organizados no ambiente era um convite aos alunos e a quem passasse por ali (Figura 7), além disso, percebeu-se a curiosidade dos alunos pelos livros (Figuras 8 e 9).



Figura 4. Alunos retirando livros do espaço. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figura 5. Comunitário ajudando a construir o espaço. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figura 6. Entrega do ambiente de ler para a aldeia. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figura 7. Organização atual do acervo. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figuras 8 e 9. Alunos demonstrando curiosidade pelos livros. Foto: Jamile Castro dos Santos.

No dia 09 de agosto de 2018 foi realizada a última visita à aldeia, onde reunimos com professores (**Figura 10**) para propor atividades de leitura para os indígenas. Os mesmos propuseram algumas práticas como: roda de leitura, sarau literário, contação de história. Mas infelizmente, não foi possível acompanhar essas atividades, uma vez que a distância do lugar (aproximadamente 8h00 de viagem de Santarém) não me possibilitou desenvolver estas ações.

Como resultado desta última visita à aldeia tive uma pequena impressão de leitura pós-construção e entrega do espaço de ler: a desorganização dos livros (**Figuras 11 e 12**) expostos nas prateleiras indicava que os alunos e professores estão compreendendo a leitura como um bem cultural que também lhes pertencem por direito, uma vez que estes estão experimentando a arte literária.

Durante esta ação extensionista muitas foram as lições que aprendi sobre o ser humano, educação, leitura e Amazônia. Sou quilombola da comunidade do Saracura/Santarém e desde cedo convivi com as dificuldades de morar longe da cidade, ser negra, ter que andar remar e andar quilômetros para frequentar uma sala de aula, recebi uma educação rarefeita, pois durante o ensino médio frequentei aulas no sistema modular, entretanto, quando olho para a aldeia Nova Vista as dificuldades supracitadas se multiplicam já que o afastamento da cultura letrada é quase total, algumas crianças nunca vieram a cidade e parecem já com o destino traçado de constituírem família cedo e se entregarem a uma agricultura primitiva, extrativismo, benéncias de ONGs escravizadoras, etc.

Com a instalação de um lugar de ler começou uma mudança tímida no que se refere ao objeto livro, da curiosidade estão passando para a posse, emprestando, lendo, se apropriando de enredos, versos, signos. Conheci uma Amazônia diferente daquela em que nasci e tenho aprendido muito com os indígenas, o olhar curioso de um curumim diante da capa de um livro é um olhar faminto pelo conhecimento.



Figura 10. Reunião com os professores. Foto: Jamile Castro dos Santos.



Figuras 11 e 12. Desorganização do espaço. Fotos: Jamile Castro dos Santos.

CONCLUSÕES

Assim, conclui-se que, apesar de alguns dos objetivos deste projeto não serem alcançados no percurso de um ano, a construção do espaço de leitura na Aldeia Nova Vista foi de suma importância, não somente para levar a leitura como um bem necessário, mas por permitir que os indígenas daquele lugar sejam protagonistas de sua própria existência, possibilitando o acesso aos possíveis instrumentos de combate à alienação e ignorância, pois o indivíduo que domina o mecanismo da leitura tem a possibilidade de detectar por meio da escrita as manobras imposta pela classe opressora. Dessa forma, a fruição literária é fundamental para que as crianças, jovens e comunitários tornem-se conhecedores de seus direitos e possíveis transformadores de sua realidade. Cabe ressaltar que este trabalho foi apresentado em dois eventos: 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e IV Salão de Extensão da UFOPA que foram de suma importância para o amadurecimento e troca de conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Procce/Ufopa pela bolsa concedida, pela gentileza que sempre me receberam durante o desenvolvimento do trabalho;

Aos indígenas da Aldeia Nova Vista, Rio Arapiuns por acolherem carinhosamente a proposta do trabalho;

Ao professor-Orientador do projeto pelas preciosíssimas orientações que me possibilitaram amadurecer pessoalmente e socialmente; pela paciência e compreensão em todos os momentos do projeto.

REFERÊNCIAS

BRITTO, L. P. L. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CANDIDO, A. **O Direito à literatura**. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 2011 p. 171-193.

SANTOS, Z. H. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Campinas, 2016.

PADILHA, R. C. W. **Fundamentos da pesquisa para projetos de intervenção**. Paraná, 1968.